

## **APRENDIZAGEM INTERATIVA *ONLINE* NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EDUCOMUNICATIVA EM LAURO DE FREITAS-BA**

Claviano Nascimento de Sousa<sup>1</sup>; Lígia Beatriz Carvalho de Almeida<sup>2</sup>

*<sup>1</sup>Graduando do curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação. Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: claviano.sousa@hotmail.com*

*<sup>2</sup>Professora da Unidade Acadêmica de Arte e Mídia, Curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação. Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: ligiabia@gmail.com*

### **Resumo**

No texto que se segue é apresentado um relato de experiência educomunicativa realizada a partir de um minicurso promovido junto ao projeto Universidade de Verão, da Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas – BA. A intervenção promovida teve foco na formação e letramento digital de professores da educação formal e baseou-se na utilização de plataformas digitais *online* como forma de dinamizar e integrar alunos e professores no processo de construção do conhecimento. Entre os objetivos da Universidade de Verão, destaca-se a relação entre academia e sociedade para transformação e construção de uma cidade educadora, além do estudo de estratégias que viabilizem esse *status* para a cidade. Para fins metodológicos foram utilizadas as premissas da dialogicidade referentes aos estudos de Paulo Freire e outros pensadores da relação educação-comunicação. O minicurso foi dividido em etapas resultantes dos estudos de Assis Moura a cerca da tríade: interação, inserção e inclusão como proposta efetiva da intervenção educomunicativa e resultou na produção de planos de curso baseados na interatividade entre alunos e professores por meio de Ambientes Virtuais de Aprendizagem e uso de redes sociais na educação. A partir da proposta de intervenção por meio do minicurso, foi possível ampliar o espaço dialógico entre professores da rede municipal de educação, assim como ampliar o debate sobre a formação permanente em mídias digitais e tecnologia.

**Palavras-Chave:** Educomunicação, aprendizagem interativa, mediação tecnológica, letramento digital.

## INTRODUÇÃO

Por muito tempo, na história da humanidade, a informação, que é base para construção do conhecimento, esteve cuidadosamente guardada em prateleiras de bibliotecas. De modo geral, a forma como se transmitia informação para construção desse conhecimento estava condicionada a pesquisa, ao estudo solitário e a investigação por experimentação, que levava em consideração, na grande maioria das vezes, uma única solução para um dado problema.

Nos dias atuais as bibliotecas ainda existem e são responsáveis por guardar boa parte do que é construído a partir do conhecimento de inúmeras pessoas. Todavia, com a ascensão da tecnologia, os espaços para construção de conhecimento se difundiram a ponto de não ser mais preciso se deslocar até uma biblioteca para ter acesso à informação, como acontecia outrora. O uso de navegadores, sobretudo a partir das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação – NTICs é capaz de promover uma experiência pouco utilizada em outras épocas da história da educação. Na contemporaneidade, o estudante, mais do que nunca, é o principal construtor daquilo que Pierre Bourdieu chama de Capital Cultural e, ao mesmo tempo, do conhecimento que lhe tornará capaz de resolver os mais diversos conflitos, inclusive o de consumir informação na internet.

Nesse cenário de possibilidades quase que infinitas de informações, o professor pode ser duramente penalizado diante das metodologias e pedagogias usadas para estabelecer uma relação entre ensino, aprendizagem e o uso de tecnologias por parte de seus alunos. Diante da enorme possibilidade de informações existentes, a construção de conhecimento pode ser baixa, comprometendo o rendimento alunado. Por outro lado, para o estudante, a gigantesca gama de informação disponível pode ser capaz de confundi-lo, em alguns casos bloqueá-lo e, também, levar a patamares baixos de aprendizagem.

Desse modo, o trabalho que aqui se descreve como um relato de experiência, aborda a aprendizagem interativa *online* como ferramenta de apropriação por parte dos professores, na perspectiva da canalização de conteúdos e informação, com a finalidade de otimizar a construção do conhecimento em plataformas digitais de modo orientado.

A abordagem desse tema foi direcionada a educação básica na proposta de cidade educadora adotada pela prefeitura de Lauro de Freitas – BA, no evento chamado Universidade de Verão – Univerão. A intervenção, que se deu na modalidade de minicurso para professores, fundamentou-se nas experiências de dialogicidade de Paulo Freire, mediação de Martín Barbero e Orozco Gomes e ainda de Educomunicação, no tocante a educação para

comunicação, de Lígia Almeida de Ismar Soares e por fim, os conceitos de interatividade do professor Marco Silva.

## EDUCAÇÃO INTERATIVA

Tornar o processo de construção de conhecimento atrativo é um desafio recorrente no atual cenário educacional. Num contexto global marcado pelo avanço de tecnologias e por relações cada vez mais próximas entre sujeitos e computadores, sejam eles portáteis ou de qualquer outro tipo de manejo, é imprescindível a existência de um mediador ou figura que consiga dar sentido ao uso de dispositivos tecnológicos na vida dos estudantes.

É cada vez mais clara a necessidade de transformar os espaços educacionais em locais de interatividade, produtividade e interesse por parte do alunado. Praticamente todo estudante tem em mente o nome de um professor ou professora que, ao longo de sua vida, ficou marcado pela capacidade de envolver os alunos em metodologias atrativas, animadas e, sobretudo, que permitiam a participação efetiva dos receptores. De modo geral, pode-se imaginar que os conteúdos mediados por esses professores são os seus alunos se lembram com maior afinidade e propriedade. Nesse contexto algo de muita importância se destaca: a interatividade na educação, que tem papel fundamental na construção do conhecimento.

Como comenta o professor Marco Silva, historicamente fomos espectadores de informações que nos eram passadas por um emissor. Nas celebrações religiosas se recebe informação de pastores, padres, líderes; se analisarmos o passado teremos a figura do rei emitindo suas insatisfações, proezas ou simplesmente discursando; o livro, contendo informações e o leitor; a televisão e os espectadores. Em todos os exemplos citados, o receptor está findado a, tão somente, receber as informações. Quando relacionamos esse modelo de comunicação com o atual cenário da educação, nos deparamos com um sistema educacional que reflete parte disso na medida em que o professor se presta a função de fonte detentora de informações que se consolidam em conhecimento a ser emitido, e o aluno receptor dessas informações. Entretanto, quando pensamos nesse modelo de comunicação, extinguimos a possibilidade de interatividade, de troca e de construção coletiva.

Nesse sentido,

“[...] Interatividade é um conceito de comunicação e não de informática. Pode ser empregado para significar a comunicação entre interlocutores humanos, entre humanos e máquinas e entre usuário e serviço. No entanto, para que haja interatividade é preciso garantir duas disposições basicamente: 1. A dialógica que

associa emissão e recepção como pólos antagônicos e complementares na co-criação da comunicação; 2. A intervenção do usuário ou receptor no conteúdo da mensagem ou do programa abertos a manipulações e modificações.[...]”. (SILVA, 2001. p. 5)

A partir de suas ideias, o professor Marco Silva, dialogando com os princípios de construção coletiva da Educomunicação defendidos por Ismar Soares, apresenta a proposta de um modelo de comunicação que deixa de ser unidirecional e passar a seguir o fluxo multidirecional comunicacional que pode se dar entre professores e alunos, alunos e professores e ainda de aluno para aluno, Sartori (2006, p. 7).

Na perspectiva da interatividade, o professor assume o papel de mediador de processos de construção de conhecimento, se torna um orientador para que seus alunos não se percam em pesquisas, fontes infundadas ou espaços virtuais mal intencionados. Garantir a inserção de ferramentas tecnológicas nas pedagogias de ensino também é importante, visto que a mediação tecnológica na educação se consolida cada vez mais como dinâmica eficiente, desde que alinhada a uma boa gestão, nos processos de ensino-aprendizagem.

#### O PAPEL DO MEDIADOR NA EDUCAÇÃO INTERATIVA *ONLINE*

Analisar a importância da mediação no processo de construção do conhecimento e, sobretudo, relacionar esse processo com formas de comunicar mais próximas da realidade dos sujeitos, pode ser a ponte entre o sistema educacional em vigor no cenário nacional, fortemente criticado por especialistas e o próprio alunado, e uma educação moderna e menos tradicionalista. Nesse contexto, a figura do educador surge como o elemento capaz de relacionar maneiras de comunicar com o processo de aprendizagem.

Partindo da ideia que a mediação é, por associação, um “lugar” que fica no meio de dois elementos, podemos considerar que a ação de mediar necessita de uma intervenção no sentido de estabelecer a conexão entre esses elementos.

Para finalidades de caracterização podemos pensar que um desses elementos será o emissor e outro o receptor, que a mensagem é o que se deseja transmitir e, por fim, que a mediação acontece no momento em que essa mensagem é captada e trabalhada cognitivamente por quem a recebe. É nesse momento que se consolida a ação do mediador por meio da intervenção, que fará uso de meios e ações que poderão favorecer a compreensão, interpretação e ressignificação da mensagem. Conforme explica Signates (1998), é importante estar atento ao fato de que a intervenção não pode estar ligada ao controle social da

comunicação, o que descaracteriza a mediação, mas sim relacionada a melhoria do processo de transmissão da mensagem.

É necessário levar em consideração que a mesma mensagem pode ser mediada de formas diferentes e para diferentes públicos. Pensando na perspectiva de Soares (2010), a partir da aplicação do senso crítico e criativo na inter-relação educação-comunicação, e fazendo relação com o que trata Bérvort e Belloni (2009), no que se refere a mídia-educação, é possível compreender que a mediação deve atender demandas de diferentes grupos sociais. De forma mais objetiva, pode-se avaliar que mediar o mesmo assunto, conteúdo ou mensagem para grupos sociais distintos é uma tarefa que necessita de criatividade e uso de ferramentas, mas que, sobretudo, deve atender especificidades de interesse desses públicos.

Educar os sujeitos tecnologicamente é um processo que coloca todos na mesma posição no que se refere a apropriação do conhecimento. Se o uso de tecnologias na educação é um tabu a ser vencido no Brasil, educar professores para o uso dessas tecnologias não é diferente. Como se não bastasse o sistema de educação básica utilizar-se de meios obsoletos de avaliação e pedagogias, o ensino superior não dedica espaço para que se trabalhe a educação para comunicação e suas diversas formas de aplicação nas licenciaturas. Conforme destaca Moran,

A escola é uma instituição mais tradicional que inovadora. A cultura escolar tem resistido bravamente às mudanças. Os modelos de ensino focados no professor continuam predominando, apesar dos avanços teóricos em busca de mudanças do foco do ensino para o de aprendizagem. Tudo isto nos mostra que não será fácil mudar esta cultura escolar tradicional, que as inovações serão mais lentas, que muitas instituições reproduzirão no virtual o modelo centralizador no conteúdo e no professor do ensino presencial [...]. (MORAN, 2007, p.90).

O destaque dado por Moran (2007) concentra-se no sentido de que as mudanças tecnológicas promovidas nos espaços educacionais ainda não fazem parte da centralidade do ensino e que o fato de assumirem um caráter periférico acaba não colaborando com a construção do conhecimento.

Manter a atenção dos alunos nas aulas é uma tarefa complicada e que demanda do professor/mediador traquejo, criatividade, empatia, entre outras características. Pode-se dizer que, na grande maioria das vezes, o smartphone é o principal culpado pela distração dos alunos em sala de aula. Uma alternativa é se apropriar dessa tecnologia para criar espaços virtuais de aprendizagem onde o professor é capaz de canalizar o que realmente é importante para o aluno em seu processo de formação.

A verdade é que a utilização criativa das mídias e tecnologias digitais no processo de construção de conhecimento pode trazer resultados promissores na educação. A mediação

tecnológica na educação é responsável, na grande maioria das vezes, pela instalação de um estado mágico de interesse por parte dos alunos. Tal comportamento é conceituado por Mihaly Csikszentmihalyi (2014) como Teoria de Flow, caracterizado pelo total envolvimento e interesse por uma atividade gerando uma condição de concentração e foco enorme e que resulta em ações naturais e produtivas.

## APRENDIZAGEM INTERATIVA ONLINE NA ESCOLA BÁSICA: UMA EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE DE VERÃO DE LAURO DE FREITAS-BA

A Universidade de Verão – UNIVERÃO 2018 é um projeto pioneiro da prefeitura municipal de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador na Bahia. As atividades do projeto aconteceram durante uma semana no mês de janeiro, aproveitando o veraneio e o número considerável de turistas a passeio no estado. Durante uma semana foram realizadas atividades de cunho formativo e lúdico em diversos espaços educacionais e turísticos da cidade

### **METODOLOGIA**

O minicurso “Aprendizagem Interativa online na educação básica”, é uma proposta de formação no campo do letramento digital para professores, que tem por finalidade apresentar os desafios do uso de tecnologias, navegação e pesquisa online por parte de alunos e, ao mesmo tempo, construir de modo participativo, alternativas para garantir o estudo orientado e interativo por parte de seus alunos na perspectiva da mediação tecnológica.

A metodologia do minicurso foi baseada na dialogicidade e apresentação de exemplos práticos. Como aspecto metodológico, no minicurso foi possível colocar em prática os estudos do Professor Assis Moura acerca da intervenção educacional fundamentada na tríade: interação, inserção e inclusão. Nesse sentido, apresentamos na sequência as etapas do minicurso atendendo aspectos da tríade citada.

### **INTERAÇÃO**

A definição de interação está relacionada a diálogo e as trocas provenientes desse processo. Assim como explica Paulo Freire,

“O diálogo é este encontro dos homens, imediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito” (Freire, 2005, p. 91).

Fundamentados na Teoria Freiriana, estimulou-se o diálogo na primeira etapa do minicurso apoiando-se na perspectiva de liberdade e de integração, um primeiro momento, para em seguida ampliar essa relação para construção de alternativas aplicadas a cada realidade na etapa de inclusão, a qual daremos destaque mais a frente.

Na etapa de interação foi construída uma definição para o termo interatividade. Um amplo debate foi criado junto a 15 professores presentes no minicurso. A ideia de interatividade para alguns estava atrelada ao simples fato de se apropriar da tecnologia como um fator aditivo no processo de formação dos alunos, ou ainda na perspectiva midiática no que se refere ao que os telejornais, por exemplo, oferecem como conteúdo afirmado como interativo. Na construção da definição, chegou-se a ideia de que a interação se dá entre dois pontos, que pode ser a mídia e os sujeitos, entre sujeitos ou grupos e ainda entre sujeitos e aparatos tecnológicos. Para consolidar o conceito, mediamos o debate a partir das teorias do professor Marco Silva e suas considerações sobre interatividade, o que levou os professores ao conhecimento mais amplo de um possível conceito aplicável.

Compreendendo que a interatividade se dá ao passo em que emissores e receptores co-criam a mensagem, os professores foram provocados sobre como pesquisavam em plataforma de busca e ainda como orientavam seus alunos nas pesquisas. O resultado foi o que consideramos atender a maior parte dos professores da educação brasileira: a pesquisa aleatória, sem critérios e não orientada. Apresentamos alguns exemplos de como esse tipo de pesquisa pode comprometer a construção de conhecimento por parte do alunado. Aproveitando a presença de professores de disciplinas diferentes, pesquisamos sobre temas aos quais seus alunos certamente têm acesso. O primeiro exemplo, feito em tempo real com auxílio do sinal de internet, foi pesquisar sobre a Fórmula de Bhaskara, a análise do número de resultados norteou o debate. Do momento em que o botão ENTER foi acionado até a apresentação dos resultados na tela se passaram 0,41 segundos e o Google, plataforma usada para busca pelo fato de seu uso ser massivo, apresentou mais de 16 mil resultados. O segundo exemplo usado foi acerca do uso dos “por quês”. Para esse exemplo, em 0,47 segundos a plataforma devolveu 121 mil resultados. Por fim pesquisou-se sobre a cidade que sedia a Universidade de Verão. Ao digitar “Lauro de Freitas” e efetuar a busca chegou-se a 19.200.000 resultados em 0,65 segundos.

O objetivo desse exemplo, que deixou os professores surpresos, diga-se de passagem, é demonstrar a quantidade de resultados que um aluno, ou qualquer outra pessoa, pode ter ao fazer uma busca de modo aleatório. Além disso, os resultados, na grande maioria dos casos, não estão relacionados às modalidades interativas de aprendizagem. Para esses casos, a possibilidade quase que infinita de conteúdo e informação resulta em construção de conhecimento muito baixa, num relação inversamente proporcional, e ainda na eliminação de uma das principais ferramentas que um professor pode usar na relação com o aluno: o interacionismo, que consiste em ir além da sala de aula para auxiliar o aluno a se tornar um sujeito aprendente.

## INSERÇÃO

No minicurso, a etapa de inserção consistiu na apresentação de uma série de possibilidades para uso dos professores no que se refere na mediação tecnológica. Mediação Tecnológica representa a introdução e a utilização de serviços, sistemas, aparelhos e novas funcionalidades tecnológicas para a difusão de conteúdos educacionais, para a construção de conhecimento e para a capacitação, inclusão e inserção social de comunidades e indivíduos na geração digital, culminando com o aumento do interesse pelo estudo e empoderamento dos estudantes. Assim foram apresentadas possibilidades na perspectiva do uso do smartphone como instrumento de interacionismo entre professores e alunos.

Apresentou-se, a partir dessa ideia, o projeto “Aula Normal<sup>1</sup>”, desenvolvido numa escola da cidade de Campina Grande, Paraíba. O projeto consiste no uso do Periscope – aplicativo para transmissão de vídeos em tempo real -, como ferramenta de preparação para o vestibular sob mediação de professores. O projeto colaborou para aproximação entre alunos e professores e ainda criou extensão em debates nas aulas presenciais. O aplicativo permite a visualização das aulas pós-exibição ao vivo e acabou atendendo não só os alunos envolvidos no projeto.

Outra iniciativa apresentada foi a do Poliedro Educação no YouTube. A rede que relaciona sistema de ensino, colégio e curso está presente em mais de 20 estados brasileiros e se apropria de vídeo-aulas curtas e bem mediadas por seus professores em seu canal no

---

<sup>1</sup> Projeto desenvolvido por alunos do Curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação da UFCG sob orientação da professora Lígia Almeida. Artigo sobre projeto disponível na Revista Tecnologias na Educação, disponível em: <http://tecedu.pro.br/ano9-numerovol20-edicao-tematica-iv/>

YouTube. O estudo de temas mais complexos é facilitado pelo carisma e interatividade dos professores, o que leva o perfil do Poliedro a ter mais de 180 mil pessoas inscritas no canal.

Por fim, foi apresentada a proposta do Google Classroom, a ferramenta de mediação tecnológica do Google que consiste na criação de uma Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, onde o professor insere vídeos, apostilas, imagens e *hiperlinks* para tratar dos temas específicos de suas disciplinas. O pré-requisito básico para utilização é possuir uma conta de e-mail vinculada ao Google. Na plataforma é possível deixar comentários, criar listas de discussões que envolvem alunos e professor.

## INCLUSÃO

A última etapa da intervenção em formato de minicurso colocou em prática a construção de soluções para uso de tecnologias online no processo de formação de alunos do ensino básico. Nessa etapa, os professores poderiam se apropriar de alguma ferramenta apresentada na fase de inserção para utilização como prática metodológica de suas disciplinas, pautando-se nas experiências de aprendizagem interativa. Nesse sentido, na tríade interação, inserção e inclusão, a última etapa caracteriza-se como efetivação da intervenção no que se refere ao envolvimento dos sujeitos para resolução de problemas se baseando no protagonismo.

A ideia de criação de espaços virtuais de aprendizagem se mostrou como a principal ferramenta a ser adotada pelos professores participantes do minicurso. A possibilidade de uso de tecnologia móvel para estabelecer comunicação rápida e orientada para os alunos despertou o interesse dos professores. Ideias como a apresentação de trabalhos mediados por redes sociais, produção de conteúdo audiovisual e impresso foram vistos como métodos avaliativos que poderiam ser orientados por *webquests* ou AVAS e relacionados com outras disciplinas.

Nessa etapa os professores puderam fazer esboços de seus ambientes virtuais, em papel. Desde o conteúdo até as formas de avaliação e inclusão dos alunos, assim como a acessibilidade e usabilidade foram aplicados nos esboços e depois discutidos pelo conjunto dos professores. O momento possibilitou a troca de mais conhecimento por meio da dialogicidade, uma vez que um professor pôde se apropriar da estratégia usada por outro com a finalidade de melhorar sua forma de se relacionar com seu aluno e com o uso de tecnologias na educação.

## RESULTADOS

A partir dos objetivos do projeto Univerão, considera-se que os resultados obtidos a partir do minicurso “Aprendizagem Interativa online na educação básica” alcançou os resultados previstos. Do ponto de vista dos objetivos traçados para o minicurso, é possível dizer que os resultados superam as expectativas, visto que não só foi possível apresentar estratégias de utilização de mídias online e fomentar o letramento digital dos professores, como ainda se consolidou a construção de planos de disciplinas fundamentados nos exemplos apresentados no minicurso e seguindo a mesma linha de interatividade, inclusão e criação coletiva de mensagens entre professores e alunos.

Ao final do minicurso, pelo menos 12 professores puderam passar pelo processo de aperfeiçoamento de suas práticas didáticas e metodológicas, apropriando-se de tecnologias online para a aproximação dos seus alunos e criação de ecossistemas educacionais mediados tecnologicamente. Nos planejamentos traçados, destaca-se a elaboração de Ambientes Virtuais de Aprendizagem utilizando-se de redes sociais, plataformas apropriadas para esse fim ou simplesmente ações onde a atividade meio está pautada na construção coletiva da mensagem através da dialogicidade.

A estrutura oferecida pelo projeto Univerão permitiu a criação de um espaço tranquilo e propício para o minicurso, o que resultou no engajamento e envolvimento dos professores participantes. O desejo de manter o vínculo e o processo formativo fez com que fosse criado um grupo de estudos que se comunicava e interagia por meio de redes sociais e-mail, garantido a sustentabilidade das práticas educacionais apresentadas no minicurso.

## CONCLUSÃO

Em termos práticos e relevantes, pode-se dizer que se faz extremamente necessária a implementação de tecnologias no processo de formação de professores, educadores e mediadores. Atingindo essa competência os professores formarão seus alunos de forma mais rica e qualificada. A educação para comunicação, nesse caso, pode ser a estratégia mais eficaz para formação desses professores na perspectiva daquilo que Freire chama de educação libertadora. O letramento tecnológico se apresenta como outro passo fundamental no processo de formação. É preciso atentar a existência de nativos digitais e imigrantes digitais, como explicam Palfrey e Gasser em seu livro Nascidos na Era Digital, e, assim, compreender a

necessidade de letramento dos professores que, de modo geral, não estão tão familiarizados com as tecnologias como seus alunos.

É importante destacar o papel do Educomunicador nesse processo. Como defende Ismar Soares, é o Educomunicador que tem, a partir de sua formação, elementos para diagnosticar lacunas que podem ser preenchidas pela relação entre educação e comunicação, propor soluções, proporcionar o protagonismo e avaliar os processos de construção do conhecimento, seja por parte de professores ou alunos. Reforçando os estudos do Professor Assis Moura, também se faz de fundamental importância aprimorar as técnicas de realização de intervenções educacionais para que a ação não se transforme em mera interferência. Nesse sentido, destaca-se a aplicação do que chamaremos a partir desse momento de prática 3Is, que envolve as etapas de Interação, Inserção e Inclusão em intervenções educacionais.

Por fim, mas não menos importante, ressaltamos a papel do projeto Universidade de Verão, da Prefeitura de Lauro de Freitas. A proposta de cidade educadora é uma prática que pode mudar a forma de se educar no Brasil e tornar a escola, e demais espaços das cidades, em pontos de construção do conhecimento onde cada cidadão se torna curador da educação e da formação de sujeitos aprendentes.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em Educomunicação**.

Disponível em:

<[https://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as\\_reas\\_de\\_intervencao\\_da\\_educao/1](https://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as_reas_de_intervencao_da_educao/1)>. Acesso em: 09 ago. 2018

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas. 2009. **Acesso em**, v. 1, 2014.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Toward a psychology of optimal experience. In: **Flow and the foundations of positive psychology**. Springer, Dordrecht, 2014. p. 209-226.

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 2. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2007. 174p.

SARTORI, A. S. A Comunicação na Educação a Distância: O Desenho Pedagógico e os Modos de Interação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2006, Brasília. Anais... São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/55876757358952763704830343483524263658.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2018.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos Olhares: Revista de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos**, n. 2, 1998. p.37-49.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **INFORMARE – Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 24-36, jul. dez. 1995.

SILVA, Marco. Sala de aula interativa: a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. **Boletim Técnico do SENAC**, v. 27, n. 2, p. 1-20, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educomunicativa. **Comunicação & Educação**, v. 12, n. 1, 2010.